Ataque à América:

A Primeira Guerra do Século XXI

David J. Shaughnessy, e
Tenente-Coronel Thomas M. Cowan, Exército dos EUA

Os cenários futuros já apontavam desde há muito para a possibilidade de um ataque terrorista de grandes proporções ao território continental dos Estados Unidos da América. No entanto, o ataque de 11 de setembro de 2001 foi uma surpresa para a Nação. Por quê? Os ensinamentos ainda estão sendo colhidos e, por certo, estão trazendo muitas modificações no sistema de segurança nacional norte-americano e de outros países. É impositivo que se debruce sobre o assunto para encontrar caminhos que venham a impedir, ou mesmo minimizar, atos perpetrados por estados ou organizações terroristas.

Fotos: Departamento de Defesa

Resultados do ataque terrorista ao Pentágono no dia 11 de setembro de 2001.

Hoje, prezados cidadãos, a nossa maneira de viver, e a nossa liberdade foram atacadas em uma série de atos terroristas deliberados e mortais.

Presidente Bush em sua mensagem à nação, 11 de setembro de 2001

COMO A ÚNICA superpotência em um mundo cada vez mais definido por mercados globalizados, instituições econômicas e normas sociais, os EUA encontram-se envolvidos em assuntos mundiais em um nível sem precedentes na história. Seu sucesso nacional e engajamento prolífico, baseados na liberdade individual, nos direitos humanos e na moral cristã, têm criado ressentimentos em outras nações, assim como entre facções religiosas, étnicas e políticas mundo afora. As suas vantagens peculiares — localização estratégica, forte econômia e poder militar — têm servido para protegê-lo de ataques convencionais resultantes de possíveis ameaças. No entanto, o seu caráter nacional — princípios democráticos, liberdade individual e direitos humanos — têm servido para aumentar a sua vulnerabilidade às ações assimétricas, indiretas ou não convencionais. Está claro que qualquer campanha conduzida contra os Estados Unidos, hoje ou em um futuro previsível será uma combinação de operações assimétricas, adaptativas e convencionais que maximizarão as vulnerabilidades da Nação. Os ataques terroristas do dia 11 de setembro de 2001 contra os edifícios do *World Trade Center* e do Pentágono, e o ataque em 2000 ao navio de guerra *USS Cole*, são exemplos de atos assimétricos ou assíncronos desenvolvidos por um oponente adaptável e pensante, que continuamente estuda os pontos fortes e fracos de quem considera ser seu inimigo, moldando suas operações de acordo com o conhecimento desses pontos. Esses ataques não ocorreram sem um propósito maior. São parte de uma campanha que provavelmente irá continuar a se expandir.

A Natureza do Ataque

O terrorismo é uma ação tática com o fim de gerar um efeito operacional ou estratégico. Trata-se da criação de um evento que produz conseqüências que vão além dele próprio. Por sua própria natureza, o terrorismo é assimétrico. Procura agir de maneira a não permitir uma defesa ou oposição. Isto o torna um meio viável que permite às organizações menos desenvolvidas atacarem oponentes melhor preparados. O fundamento do terrorismo é atacar a força de vontade do povo, a credibilidade do governo e a eficiência de sua segurança nacional.

Atos de terrorismo podem ser interligados como uma campanha, mas terão mais impacto quando empregados como parte de uma estratégia que utiliza outros elementos de poder em uma estrutura mais convencional. Isto permite operações consistentes que são contínuas e se complementam. A aplicação de outros elementos de

poder não precisa ser ostensiva. De fato, pode ter melhor resultado quando empregada de forma clandestina. Pode envolver operações de informação, diplomacia ou o uso de pressões econômicas, assim como as operações militares convencionais. Por exemplo, um Estado ou organização que tem conhecimento antecipado que um grande evento está para ocorrer poderia concebivelmente impor condições econômicas que lhe permita tirar proveito do mesmo. É a natureza assimétrica destas táticas que permite a melhor oportunidade para obter sucesso contra oponentes mais poderosos, mas é o seu efeito sobre as instituições convencionais que gera a oportunidade como conseqüência do evento.

Táticas terroristas são normalmente empregadas dentro de um contexto assíncrono. É este caráter assíncrono que cede a iniciativa à ameaça. O terrorista escolhe o lugar e a hora do evento em vez de tê-lo definido pelo seu relacionamento com outras operações. Isto representa uma abordagem ofensiva guiada pela vulnerabilidade, oportunidade e capacidade de uma preparação sob medida, ao invés de uma capacidade permanente empregada em um modelo convencional. Mas o fato desses eventos serem assíncronos não significa que não sejam parte de um esforço maior e mais sincronizado. De fato, está se tornando cada vez mais provável que futuras táticas terroristas serão empregadas de forma operacional mais síncrona. A habilidade de continuamente poder escolher a hora e o lugar dos eventos permite à ameaça o controle do ritmo das operações. Portanto, sempre mantendo a iniciativa. Para oponentes dos EUA é aparente que essas táticas, planejadas e preparadas com antecedência, permitam a um ator regional a habilidade de conduzir operações estratégicas sem um significante investimento em visíveis e custosas capacidades, e de manter um adversário melhor capacitado em desequilíbrio.

O decréscimo no número de atos de terrorismo durante a década passada teve mais a ver com o incremento da padronização operacional do que propriamente com a vontade ou intenção. Enquanto é ainda difícil detectar atores conhecidos empregando métodos de operação lógicos e utilizando capacidades reconhecíveis, indícios apresentados poderiam ser identificados e atacados, o que reduz consideravelmente as oportunidades dos terroristas.

A Estrutura de uma campanha

A história tem demonstrado que atos simples e isolados de terrorismo podem ter um efeito profundo sobre as percepções, a política, a estratégia nacional ou até mesmo sobre a força de vontade nacional. Porém, atos isolados não têm causado conseqüências duradouras que afetem a longo prazo a natureza do governo ou as suas metas nacionais. É necessária uma campanha duradoura com múltiplas linhas operacionais. Esta poderia ser uma campanha de eventos assíncronos que desgastam e criam conseqüências, tal como a apoiada pela antiga União Soviética durante a Guerra Fria, ou uma que emprega todos os elementos do poder em conjunto e em complemento aos atos de terrorismo.

A aceitação do terrorismo patrocinado por um estado como método operacional surgiu durante a Guerra Fria, quando a antiga União Soviética garantia a sobrevivência daqueles estados que apoiassem ou conduzissem atos de terrorismo contra os EUA e seus aliados. Atualmente ainda existem estados que patrocinam o terrorismo, nenhum de forma óbvia e flagrante. O terrorismo continua a ser uma tática eficaz e viável, mas o seu uso é cada vez menos aceito pela comunidade internacional, quando empregado de maneira assíncrona sem ter sido dada uma advertência hostil. Sob condições de uma guerra limitada, ou em tempos de paz, é um ato hediondo rejeitado pela maioria das nações. Mas sob o enfoque de uma guerra total, o terrorismo seria considerado uma operação assimétrica e aceito como um meio de se atingir os objetivos nacionais. Por este motivo, muitos estados hostis aos EUA apóiam clandestinamente as organizações transnacionais capazes de conduzir atos de terrorismo. Estas organizações são empregadas em campanhas de não guerra e permitem distância e negação por parte dos estados que as apoiam, dentro da comunidade internacional. Ao mesmo tempo, esses estados desenvolvem as capacidades para empregar meios e táticas assimétricos, no caso do desenvolvimento de uma guerra. Futuros ambientes operacionais incluirão organizações estatais e transnacionais capazes de conduzir operações assimétricas, tanto no interior como fora da área de operações, como parte de um desenho operacional global.

À medida que nossa nação se fortalece, o valor dessas operações aumenta, tornando provável o seu uso como ponderável parte de qualquer operação militar futura. Operações assimétricas são conduzidas dentro da estrutura de uma campanha e atacam a vontade do povo estadunidense, considerada o centro de gravidade do país, ao invés da periferia do país. Dentro do escopo de guerra ilimitada, todos os alvos são justificados; centros populacionais, infra-estrutura e a capacidade industrial e militar. A meta final da operação assimétrica ou

No dia 13 de setembro de 2001 ainda existia fogo no meio dos escombros do World Trade Center, *em Nova Iorque, dois dias depois do ataque terrorista.*

terrorista é obter sucessos estratégicos e operacionais, incluindo a rejeição, exclusão ou derrota dos EUA e de seus aliados.

Operações Adaptativas

O decréscimo no número de atos de terrorismo durante a década passada teve mais a ver com o incremento da padronização operacional do que propriamente com a vontade ou intenção. Enquanto é ainda difícil detectar atores conhecidos empregando métodos de operação lógicos e utilizando capacidades reconhecíveis, indícios apresentados poderiam ser identificados e atacados, o que reduz consideravelmente as oportunidades dos terroristas. Porém, com base em ataques mais recentes, aparentemente estão emergindo padrões novos e menos prognosticáveis. Em vez de uma capacidade fixa em busca de uma oportunidade, a ameaça parece estar desenvolvendo capacidades para atacar vulnerabilidades já avaliadas. Isto apresenta um problema grave, já que as características de cada evento provavelmente serão diferentes. O padrão operacional é desenhado exclusivamente para o alvo que o terrorista planeja atacar. Sem previsões, tornam-se necessários mais recursos para a coleta e busca dos dados de inteligência e análise, e maior número de medidas de proteção para a defesa contra uma crescente variedade de opções.

Os ataques do dia 11 de setembro representam uma mudança significativa nos padrões e nas táticas. O policiamento estadunidense tem, rotineiramente e com sucesso, monitorado materiais de risco que podem ser usados como armas, uma prática que aumentou após a explosão do edifício federal na cidade de Oklahoma. Reconhecendo este obstáculo, os terroristas adaptaram os seus esquemas contrabandeando os explosivos para dentro dos EUA, ao invés de tentar conseguí-los dentro do país. Este esforço teve apenas limitado sucesso, e em conseqüência, resultou no aumento do sistema de segurança na fronteira e na cooperação entre os EUA e seus vizinhos. Admitindo este novo fator no ambiente de segurança, a metodologia foi novamente modificada, desta vez criando o efeito cinético de explosivos — uma aeronave grande carregada de combustível — sem os indicadores inerentes de inteligência que poderiam ter comprometido o ataque, enquanto se evitavam as medidas tomadas para a o controle de pessoas e veículos no *World Trade Center,* implementadas após o ataque de 1993. Dessa feita, a organização aproveitou os recursos americanos para treinar pilotos e proporcionar as armas. Dos protocolos da segurança aérea, os terroristas implementaram um plano para introduzir armas de pouco conteúdo metálico para dentro dos aviões e usaram o treinamento dos pilotos e tripulação para que cooperassem com os seqüestradores para obter o controle das aeronaves.

25 de dezembro de 2001 — É dia de Natal em uma base avançada em Kandahar. no Afeganistão, e fuzileiros navais da 26ª Unidade Expedicionária (hábeis em Operações Especiais) marcham às linhas de frente para defender e manter a segurança do perímetro.

O Uso de Santuários

A operação a partir de locais dispersos em vários países proporciona um alto nível de cobertura contra um ataque direto. Terroristas transnacionais dependem da segurança do seu posicionamento estratégico para evitar as ações convencionais que os EUA podem empregar para destruir suas organizações. Ao buscar santuários difíceis para os ataques de precisão a longa distância realizados com meios de alta tecnologia, as organizações terroristas se protegem contra ações de retaliação contra as quais têm meios limitados para combater simetricamente. No caso da organização de Osama bin Laden, esta se entrincheirou em uma nação que possui uma infra-estrutura econômica e física demasiado subdesenvolvida para ser ameaçada, mesmo assim tendo a capacidade de montar uma formidável operação defensiva em terreno acidentado. Esta condição proporciona um santuário quase perfeito que cria enormes dificuldades para os EUA contra-atacar. Até mesmo os ataques bem-sucedidos contra elementos aí localizados podem não acabar com a rede terrorista, que se estende por várias nações e territórios, representando um grande risco para as forças estadunidenses de operações convencionais. Desde sua posição em relativa segurança, o grupo de bin Laden tem a flexibilidade e a segurança de reter a iniciativa e continuar na ofensiva estratégica.

Campanhas de terror, cuidadosamente planejadas e executadas, tentam desmoralizar a nação, frustrar e interferir nas políticas estadunidenses de reação e retaliação, reduzir a presença regional dos EUA e paralisar a força de vontade nacional explorando o vasto sistema estadunidense de informação. A informação aumenta o impacto do evento e cria efeitos estratégicos.

O emprego de santuário também significa usar a lei internacional e as práticas comerciais contra os EUA. Processos bancários internacionais desenhados para encorajar o livre comércio são usados por organizações transnacionais para receber e distribuir os fundos necessários para atacar vários alvos, enquanto permanecem praticamente incógnitas. Grupos transnacionais também se escondem por trás da lei internacional, protegendo a si e a seus aliados, ao exigirem provas juridicamente admissíveis. Normalmente estas provas não existem devido à maneira pela qual os terroristas operam e se orga-

nizam e, quando existem, muitas vezes não podem ser publicamente divulgadas sem comprometer as fontes ou os métodos de inteligência.

Se os EUA decidem atacar, terroristas transnacionais frustrarão os ataques criando assinaturas irreconhecíveis por sistemas de coleta de alta tecnologia, e por meio de dispersão em terrenos complexos ou misturando-se à população civil. Todas estas técnicas são desenhadas para derrotar a indiscutível vantagem assimétrica de alta tecnologia em armas de precisão de longo alcance dos EUA. Os métodos de segurança norte-americanos foram desenhados principalmente para detectar e não para se defender de um determinado atacante.

Elementos de Forças Especiais dos EUA, a cavalo, trabalhando com membros da Aliança do Norte no Afeganistão, durante a Operação Enduring Freedom*, no dia 12 de novembro de 2001.*

O Impacto da Informação

Na hipótese de ser ou não o responsável pelo ataque do dia 11 de setembro, o prestígio de Osama bin Laden subiu no mundo extremista muçulmano e está atraindo mais seguidores e recursos para a sua causa. O ataque também expôs as vulnerabilidades estadunidenses às demais organizações e estados. Os EUA podem parecer vulneráveis a oponentes se não forem capazes de responder eficientemente aos ataques de 11 de setembro. A visibilidade do evento e o seu domínio da mídia proporcionaram a oportunidade para que uma variedade de atores tirassem proveito do ocorrido.

Campanhas de terror, cuidadosamente planejadas e executadas, tentam desmoralizar a nação, frustrar e interferir nas políticas estadunidenses de reação e retaliação, reduzir a presença regional dos EUA e paralisar a força de vontade nacional explorando o vasto sistema estadunidense de informação. A informação aumenta o impacto do evento e cria efeitos estratégicos. No cenário internacional, eventos bem divulgados podem servir para fraturar coalizões, forçando outras nações a considerarem mais as suas próprias prioridades.

Além de tudo, a persistência em negar a responsabilidade é uma nova tática dos terroristas transnacionais. Ela contraria a superioridade informativa e diplomática dos EUA e cria dúvidas. Permite que nações apoiem o terrorismo sem as repercussões internacionais.

Sistematologia

Um ataque bem-sucedido contra os EUA deve ser conduzido contra os sistemas dos quais dependem para o seu domínio. Isto consiste, em grande parte, dos complexos econômico e militar que formam os pilares da política externa do país. Os ataques do dia 11 de setembro foram mais que simbólicos; atacaram o comando e controle militar e econômico do país. Normalmente, pode-se esperar que ataques isolados, não constantes de uma campanha convencional, foquem sobre alvos simbólicos pelo seu valor informativo e pelas implicações estratégicas. Quando ataques terroristas (assimétricos) são conduzidos como parte de uma campanha convencional maior, provavelmente atacarão alvos de valor operacional ou estratégico. Nos planos de uma campanha terrorista, os terroristas compreendem que derrotar os EUA não depende de vencer batalhas, mas sim de continuar aplicando a

As organizações terroristas dependem do sigilo para poder planejar e preparar seus ataques. Organização compartimentada, uso da brutalidade para assegurar a lealdade e recrutamento baseado no critério político e religioso, permitem melhor proteção da informação do que é possível nas nações por elas atacadas. Numa postura estratégica-defensiva, os EUA são incapazes de forçar seus oponentes em uma atividade que possa comprometer suas posições e intenções.

O destróier da classe Arleigh Burke*, USS Cole (DDG 67), voltou a navegar no dia 15 de setembro de 2001. O Cole foi relançado no Northrop Grumman Ship Systems, Ingalls Operations em Pascagoula, Mississippi, após o acabamento de reparos no casco. O navio foi transportado para Pascagoula depois do ataque terrorista de 12 de outubro de 2000, no lêmen.*

pressão psicológica e física que causa danos às bases política, econômica e militar do poder.

Negando Acesso

A obstrução estratégica procura deter ou reduzir o desdobramento das forças dos EUA. Os estados que sentem empatia ou prestam o seu apoio requerem o uso da diplomacia, citando a ausência de provas que conectem o grupo ao ato e impondo medidas econômicas que ameaçam os interesses dos parceiros da coalizão. Muitas vezes essas ações ficam disfarçadas por trás de um pretenso respeito à lei internacional ou de um desejo insincero por uma solução pacífica.

A exclusão operacional é empregada para impedir vizinhos regionais de permitirem ou apoiarem o desdobramento de forças dos EUA. Os adversários há tempo reconhecem a necessidade estadunidense por áreas de concentração significativas. O terrorista transnacional adaptativo, ameaça os vizinhos regionais com ataques e o terror, no caso de cooperarem com, ou proporcionarem áreas de concentração às forças estadunidenses. Patrocinadores estatais do terrorismo transnacional conduzem campanhas de informação e diplomática em seu apoio para persuadir os estados regionais de que os EUA são parceiros em que não se pode confiar e que a cooperação com estes levará ao isolamento regional econômico e diplomático.

Frustrando a Inteligência dos EUA

As organizações terroristas dependem do sigilo para poder planejar e preparar seus ataques. Organização compartimentada, uso da brutalidade para assegurar a lealdade e recrutamento baseado no critério político e religioso, permitem melhor proteção da informação do que é possível nas nações por elas atacadas. Numa postura estratégica-defensiva, os EUA são incapazes de forçar seus oponentes em uma atividade que possa comprometer suas posições e intenções. Não é somente o momento assíncrono que dá segurança aos terroristas, eles também exigem um esforço constante das organizações de inteligência dos EUA no sentido de coletar e discernir as atividades e intenções dos terroristas. Além disso, diminuindo a habilidade das operações de inteligência para detectar planos e preparações está o emprego da dissimulação pelos terroristas. Isto inclui a distribuição deliberada de declarações e informações falsas à mídia para encobrir seus verdadeiros planos e preparações e para confundir e frustrar a análise por parte da inteligência.

O enorme sistema de inteligência dos EUA foi desenhado com a intenção de monitorar a antiga União Soviética e tem como base a tecnologia. A inteligência humana foi passada a segundo plano e apóia principalmente a diplomacia. Este desequilíbrio criou a previsibilidade e limitou o nível da busca e coleta. Outrossim, os EUA têm se concentrado em estados em vez de organizações transnacionais e a análise estadunidense foi desenhada para avaliar as capacidades convencionais existentes e empregadas pelos adversários. Por último, a comunidade de inteligência funciona bem durante horas de crise mas carece da capacidade analítica e da inteligência humana para manter o nível necessário de esforço nesse novo ambiente operacional. O sucesso a longo prazo contra um oponente transnacional adaptativo e determinado exige um processo menos previsível, combinando técnicas e sistemas humanos engajados contra todas as ameaças, e continuamente operando com capacidade máxima e engajamento antecipado a qualquer crise.

Implicações

As organizações transnacionais mantêm a iniciativa estratégica e adaptam métodos de ataque por meio do controle do ritmo operacional. Atos de terror dependem da surpresa para tirar a máxima vantagem do impacto psicológico de cada evento. Sem as restrições de ter que manter o controle do terreno ou de seguir um sucesso com outro — qualquer dos dois proporcionando um padrão previsível operacional — a organização transnacional terrorista pode selecionar o momento e o alvo que melhor se adaptem a seus recursos, às suas habilidades e às particularidades do ambiente de segurança. Os ataques em 1993 contra o *World Trade Center* e em 2000 contra o *U.S.S. Cole*, não afetaram o sucesso, a longo prazo, da campanha que culminou com os ataques bem-sucedidos do dia 11 de setembro de 2001. Nem o momento escolhido para os ataques foi relacionado a qualquer outro evento tático, tornando impossível a tarefa de determinar um padrão que levasse ao prognóstico do próximo ataque.

As ações terroristas tendem a ser caracteristicamente contínuas, mas não em termos do ritmo ou freqüência. Ações terroristas adaptativas não são simplesmente eventos isolados mas ligados a outras metas e operações — econômicas, políticas e até militares, quando possível. Também é provável que tomem muitas formas e que contenham várias linhas operacionais trabalhando ao mesmo tempo ou orquestradas com relação ao local e hora. Atividades terroristas irão desde as não letais, do tipo de operações relacionadas à informação, até atividades letais tais como ações diretas empregando uma variedade de tecnologias e de armas antigas e modernas. Futuras ações terroristas envolvendo o uso de armas de destruição em massa ou para causar outros efeitos não devem ser descartadas. A busca e coleta relacionadas a essas atividades exigem um sistema de inteligência tão flexível, ativo e adaptável como as organizações que combate.

Os ataques não convencionais contra o território estadunidense são parte de toda estratégia futura do oponente e farão parte da estruturação e capacidade de sua força. Repetidos ataques contra o país mudam o comportamento social, econômico e político, limitam a liberdade individual, impedem o livre comércio, causam pressões psicológicas e afetam a postura internacional da nação, como um poder econômico e militar.

Os terroristas dependem de adaptação e flexibilidade para preservar suas organizações e como meio de assegurar a continuidade de poder. Conduzem operações estratégicas para degradar a vontade nacional dos EUA, fraturam alianças e coalizões e limitam o escopo de envolvimento dos EUA no exterior. Sua habilidade de se adaptar mais rapidamente do que as medidas defensivas utilizadas podem complicar os esforços dos EUA em permanecer na defensiva estratégica. Operações conduzidas sem uma freqüência ou padrão discerníveis exigem que os EUA mantenham uma postura social, política e economicamente custosa de prontidão, o que não é em si uma garantia de sucesso.

As operações de inteligência ajudam a reduzir a necessidade de uma prontidão constante, mas não são infalíveis e devem ser flexíveis, adaptáveis e expansíveis em escopo. Manter a ofensiva estratégica pode eliminar o oponente mas exige inteligência excepcional e uma força adaptativa capaz de combater em um campo de batalha de uma complexidade, fluidez, e letalidade sem precedentes. Estes desafios só podem ser alcançados com a criação de uma força militar adaptável capaz de dominar este ambiente. ***MR***

David J. Shaughnessy é o analista senior de inteligência para o QG do Comando de Adestramento e Doutrina do Exército dos EUA (Headquarters Training and Doctrine Command), Subchefe de Estado-Maior de Inteligência no Forte Monroe, Virgínia. Tem mais de 34 anos de serviço federal, incluindo oito anos de serviço ativo no Exército.

O Tenente-Coronel Thomas M. Cowan é oficial de inteligência militar, no QG do Comando de Adestramento e Doutrina do Exército dos EUA, Subchefe de Estado-Maior de Inteligência no Forte Monroe, Virgínia. Serviu em várias funções de inteligência, desde batalhão até grande comando. É graduado pela ECEME/EUA e mestre em Administração pelo Saint Mary College*, em Leavenworth, Kansas.*